

## **PONCIÁ VICÊNCIO:** Rastros de memória e ficção

Ponciá Vicêncio: Traces of memory and fiction

Ponciá Vicêncio: Rastros de memoria y ficción

---

### **Elen Karla Sousa da Silva**

Doutoranda em Estudos de Literatura no Programa de Pós-graduação em Letras (UFRGS)  
Professora Substituta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

[elenuema@gmail.com](mailto:elenuema@gmail.com)

### **Sebastião Marques Cardoso**

Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP  
Professor de Teoria Literária do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

[sebastiaomarques@uol.com.br](mailto:sebastiaomarques@uol.com.br)

---

#### **Resumo**

Iremos, neste artigo, abordar Ponciá Vicêncio (2003), romance de Conceição Evaristo. Nosso maior interesse será refletir sobre Memória (história) e Ficção (literatura), e como elas se apresentam no romance. A memória, no enredo, é apresentada através das assimilações instintivas da protagonista. Ponciá se apresenta como a protagonista, expõe seus ideais e sua realidade, que após contínuas perdas, dá início a um processo de afastamento de si mesma, para se entender de maneira mais ampla. Desde menina, estabelece-se como a materialização das memórias de Vô Vicêncio, o primeiro homem que a personagem conheceu. Desse modo, avaliamos que a narrativa é constituída por elemento interligado pelas memórias da protagonista, Ponciá, do início ao fim, elas desordenam e ordenam a narrativa. A obra de Conceição Evaristo se encontra inserida na realidade étnico-racial brasileira, estimulando-nos a refletir sobre a condição do negro no Brasil, memória, identidade, escravidão, racismo, pertencimento, afetos, ancestralidade, o corpo negro, identidade, religiosidade e negritude.

**Palavras-chave:** Memória. Ficção. *Ponciá Vicêncio*. Literatura Afro-Brasileira.

#### **Abstract**

We will in this article address Poncia Vicencio (2003), novel Conceição Evaristo. Our main interest will reflect on memory (history) and fiction (literature), and how they appear in the novel. The memory, the plot is presented through the instinctive assimilations of the protagonist. Poncia Vicencio is presented as the protagonist, it exposes its ideals and its reality, which after continuous losses, initiates a self removal process, to understand more broadly. As a child, is established as the materialization of memories of Grandpa Vicencio, the first man to the character known. Thus, we conclude that the narrative consists of interconnected element by the protagonist's memories, Poncia, from start to finish, they clutter the narrative and order. The work of Conceição Evaristo is inserted in the Brazilian ethnic-

racial reality, encouraging us to reflect on the condition of black people in Brazil, memory, identity, slavery, racism, belonging, feelings, ancestry, the black body, identity, religion and blackness.

**Keywords:** Memory. Fiction. Poncia Vicencio. Afro-Brazilian literature.

### Resumen

En este artículo vamos a abordar a Ponciá Vicencio (2003), novela de Concepción Evaristo. Nuestro mayor interés será reflexionar sobre Memoria (historia) y Ficción (literatura), y cómo se presentan en la novela. La memoria, en la trama, es presentada a través de las asimilaciones instintivas de la protagonista. Ponciá se presenta como la protagonista, expone sus ideales y su realidad, que tras continuas pérdidas, da inicio a un proceso de alejamiento de sí misma, para entenderse de manera más amplia. Desde niña, se establece como la materialización de las memorias de Vô Vicencio, el primer hombre que el personaje conoció. De ese modo, evaluamos que la narrativa está constituida por elemento interconectado por las memorias de la protagonista, Ponciá, de principio a fin, desordenan y ordenan la narrativa. La obra de Concepción Evaristo se encuentra inserta en la realidad étnico-racial brasileña, estimulándonos a reflexionar sobre la condición del negro en Brasil, memoria, identidad, esclavitud, racismo, pertenencia, afectos, ancestralidad, el cuerpo negro, identidad, religiosidad y religiosidad negritud.

**Palabras clave:** Memoria. La ficción. Poncia Vicencio. La literatura afro-brasileña.

---

### Considerações iniciais

Este trabalho objetiva refletir sobre as fronteiras entre Memória (história) e Ficção (literatura), e como elas se apresentam no romance. A memória é o elo condutor da obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, narrativa publicada em 2003. A personagem central da história, Ponciá Vicêncio, recorda o passado, através das memórias, destaca casos e situações históricas do negro no Brasil. Ponciá representa o tempo de uma história marcada pela exclusão e subalternidade que foi conferida ao afrodescendente no Brasil.

A obra de Evaristo se encontra inserida na realidade étnico-racial brasileira, estimulando-nos a refletir sobre a condição do negro no Brasil. É importante pontuar que há uma escrita empenhada com as origens e os valores culturais afro-brasileiros ou africanos, escrita que não se limita a lamentos e, sim, a aflições, perturbações sobre questões referentes à escravidão, ao racismo, ao pertencimento, aos afetos, à ancestralidade, ao corpo negro, à identidade, à religiosidade, à branquitude, à negritude e à memória, e promove o interesse pela compreensão dessas temáticas.

Os limites em meio à realidade e à ficção no texto literário, frequentemente são muito imperceptíveis, visto que há obras ficcionais que apresentam combates, fantasias, temores,

aflições, expectativas, ilusões, iniquidades, por fim, uma série de sentimentos, valores, ações, adágios que são corriqueiros no cotidiano. Contudo, o objeto literário, enquanto objeto estético, não expõe a realidade de forma fiel, uma vez que se fosse dessa forma, ela se restringiria a reproduzir mecanicamente o real, que apreenderia e transmitiria os acontecimentos reais. Mas é comum nos questionarmos sobre a linha próxima que existe entre o que é ficção e realidade em uma narrativa que traz em seu bojo acontecimentos históricos oficiais, isto é, sobre a realidade inserida na ficção, e vice versa.

Conforme Eduardo de Assis Duarte, professor da UFMG, a narrativa em estudo adota uma “linhagem memorialística” da literatura negra que surgiu de Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis. E ressalta a relevância que a narrativa representa para reavaliar a literatura cânone.

Para Candido (2007, p. 71), a literatura faz uso de episódios e/ou personagens históricos em sua ficção; entretanto, tais personagens são “construídas a partir de um modelo real, conhecido pelo escritor, que serve de eixo ou ponto de partida. O trabalho criador desfigura o modelo, que todavia se pode identificar”. Dessa forma, compreendemos que a realidade é distinta do texto de ficção, é um de seus subsídios basilares, porém, o escritor projeta um olhar para a realidade, alterando-a e inventando uma outra realidade na narrativa ficcional. Assim, Conceição Evaristo tem a facilidade de apresentar de maneira artística fragmentos da realidade em suas narrativas ficcionais, não possuindo a obrigação do historiador, por exemplo, em retratar de modo impessoal os eventos, e não deixando que o fato literário perca sua ficcionalidade.

Conceição Evaristo, escritora e professora, nasceu em 1946, em Belo Horizonte, passou a infância em uma favela, onde dividiu espaço com nove irmãos, foi obrigada a trabalhar como empregada doméstica desde os oito anos de idade, mas, estimulada pela mãe, nunca deixou de estudar, terminou o curso normal quando já havia completado 25 anos, a partir daí, não parou mais, foi morar no Rio de Janeiro, onde ingressou no magistério através de concurso, tornando-se professora da rede pública, mais tarde, mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica, e hoje é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, militante dos movimentos de valorização da cultura negra.

Evaristo foi uma leitora obsessiva de autores brasileiros na juventude, e começou a publicar os primeiros contos em 1990, já madura, na série Cadernos Negros; uma década depois

publicou o romance *Ponciá Vicêncio* (2003) e, em seguida, *Becos da Memória* (2006), que manteve vinte anos na gaveta, em 2007, seu primeiro livro *Ponciá Vicêncio*, tornou-se leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais, abrindo as portas para um público mais amplo, especialmente jovens.

A autora cresceu ouvindo sua família contando histórias dos avós e bisavós. Apesar de uma prática católica em sua família, Evaristo descobriu, em *Ponciá Vicêncio*, menina que tinha receio em passar debaixo do arco-íris, e anos depois a autora descobre que a referida ação correspondia ao mito do Oxumarê<sup>1</sup>, a origem do mito havia sido esquecida por sua família, os traços do mito estavam lá, haviam sido perdidos por conta de uma imposição católica.

Todos os povos, os imigrantes, gostam de lembrar o passado e possuem a oportunidade de rememorar. Os povos diaspóricos podem se valer de suas culturas, memórias e ancestrais, até como material estético para se trabalhar a literatura e para se fortalecer. Evaristo acredita que estas histórias, estas reminiscências não podem se perder, serem esquecidas, são histórias exemplares, são paradigmas para o sujeito atual, por isso a necessidade da valorização da memória e da ancestralidade na ficção.

Durante a juventude, Evaristo lia bastante, precisou ler bastante, pois para ela a literatura era uma maneira de buscar explicação para muitas coisas, era uma infância que não tinha televisão, rádio, restava-lhe somente a leitura. O primeiro contato da autora com a leitura ocorreu através das palavras, das histórias contadas em sua casa. Houve um momento em que a tia de Conceição se torna servente da biblioteca pública em Belo Horizonte, o que fez com que Conceição tivesse contato com os livros.

Conceição Evaristo teve contato inicial com as produções de Machado de Assis e Monteiro Lobato, ressalta-se que a crítica da época não apontava nuances preconceituosas, estereotipadas de Monteiro Lobato, por exemplo. Hoje, pertencemos a um momento em que os próprios sujeitos negros procuram se encontrar dentro da literatura, muitos textos que foram publicados com entreves na época, hoje, pelo próprio senso crítico da sociedade brasileira, essa leitura se torna nociva, contraditória, como uma sociedade que tende a valorizar a todos e, ao

---

<sup>1</sup> Conforme Verger (1999 *apud* CASTRO, 2012, p. 2), “Oxumarê se apresenta como uma serpente que morde a sua própria cauda, formando assim um círculo fechado. Simbolizando a força vital do movimento e de tudo o que é alongado, ele sustenta a terra, impedindo-a de desintegrar-se”.

mesmo tempo, determinados seguimentos são descritos ainda de maneira estereotipada, subalternizada.

A autora nos apresenta, em *Ponciá Vicêncio*, um enredo que liga o lírico ao social. Sua produção intensamente questionadora se desvia de um lirismo intimista e vigora o que pertence ao social e humano. Em vista disso, temos um narrador em terceira pessoa, observador; entretanto, preocupado com os interesses das personagens, ressaltando deles o que é individual, ilustra o sucessivo conflito entre o individual e o coletivo, fazendo uso de uma linguagem concisa, com densos episódios.

A literatura que Conceição produz é poética, é musical, é ritmada, é de Escrevivência<sup>2</sup>, não para adormecer os da casa grande, como costuma proferir a escritora e, sim, para despertá-los dos seus sonos injustos. Enquanto as mulheres negras eram usadas para contar narrativas para adormecer os filhos dos senhores, a literatura produzida por negros não é para adormecer esses filhos dos senhores, não se quer mais que a casa grande continue adormecida, querem, na verdade, espantar o sono da casa grande, que ela acorde para perceber o que foi feito nocivamente aos negros, e o que precisa ser feito.

As memórias de Ponciá e da autora se entrelaçam e compõem uma identidade histórica feminina negra, que busca ardorosamente compreender de que maneira é construído seu passado e a herança na narrativa, a começar pelo sobrenome, aos elementos relacionados à arte, aos afazeres com o barro e, ainda, às questões místicas, a exemplo, a fábula de que ao passar por debaixo de um arco-íris, a personagem se transformaria em um menino.

O romance *Ponciá Vicêncio* já foi traduzido para o inglês, e é comercializado nos Estados Unidos. Em março de 2015, quando compareceu ao Clube do livro, em Paris, Evaristo foi um dos destaques da delegação brasileira. Habituada com a curiosidade que sua presença nesses ambientes costuma despertar até hoje, a autora costuma enfatizar que quando mulheres do povo, como ela, dispõem-se a escrever, estão rompendo com o lugar que normalmente lhe é reservado. Pois, a mulher negra pode cantar, pode dançar, pode cozinhar, pode se prostituir, mas escrever, não.

---

<sup>2</sup> Conceição Evaristo desenvolveu o conceito de escrevivência, em uma entrevista dada ao programa on-line Imagem da Palavra, ela assegura: “eu acho que pra você escrever, o que opera essa matéria é o mundo, é a vida. Por isso, é a escrevivência, se eu me retirar para escrever, pode saber que eu já colhi tudo lá fora” (2012), portanto, a escrita em prosa ou em verso que se encontra conexas à sua própria vivência.

## O romance: a ficção e os rastros da memória

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI).

A memória suscita não apenas as recordações de um passado histórico, contudo, recupera uma lembrança para uma construção feminina identitária negra, autora negra, pobre, envolvida em subalternidade, que deixa o silêncio para dar lugar a uma voz significativa. Compreende que a memória é mesclada por lembranças de cada ser; entretanto, decorrida pelos pensamentos de um grupo. Com traços nas recordações de Evaristo, quando profere: “mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava e os vizinhos contavam, eu menina repetia, contava” (EVARISTO, 2009). Enfatiza-se a relevância dos familiares, e todos ao seu redor como referência basilar para a constituição desta memória individual e coletiva. Le Goff ressalta que a noção de memória coletiva foi exposta de maneira relevante na:

Luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos e dos indivíduos que dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (2012, p. 408).

Evaristo “estabelece um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado” (EVARISTO, 2003, p. 5). Delineia o percurso da protagonista, considerando suas afeições, desamores e sua ligação com os familiares e as pessoas próximas. O texto favorece uma discussão sobre a identidade de Ponciá, situada em uma herança identitária de Vô Vicêncio, avô de Ponciá, e coloca em diálogo o passado e o presente, entre a recordações e experiências, entre o palpável e o utópico.

O enredo é composto pelas personagens Ponciá Vicêncio (homônima); a mãe, Maria Vicêncio; o pai, Vô Vicêncio; o soldado Nestor; Nêngua Kainda; o irmão, Luandi José Vicêncio; entre outros com passagens rápidas. Representam personagens que constroem o tecido que dá base às memórias de Ponciá, mas são também independentes, pois tecem seus caminhos, cada um a sua maneira, vivendo dramas e tragédias, correndo perigos, expondo que

os sofrimentos são coletivos. A história de um, repete-se com todas as personagens, isto é, de todos os afro-brasileiros que eles representam.

A memória no enredo é apresentada através das assimilações instintivas da protagonista. Ponciá, desde menina se estabelece como a materialização das memórias de Vô Vicêncio, o primeiro homem que a personagem conheceu. As pessoas próximas à personagem não percebiam o porquê da menina imitar o avô, imitando-o não deixava que Vô Vicêncio fosse esquecido. A memória, na história, é composta por fragmentos.

Descendente de escravos africanos, a protagonista aparece, desde o início, destituída do sobrenome de sua família, pois o sobrenome "Vicêncio" procede do antigo senhor das terras, e era como "lâmina afiada a torturar-lhe o corpo" (EVARISTO, 2003, p. 8). Este traço de subalternidade segue a personagem, desdobra-se pela árdua passagem de tristezas e ruínas, em que tanto a criança/menina, como a mulher sofrem, sendo afastada das pessoas estimadas.

A personagem se torna uma migrante e, à procura de uma vida melhor na cidade grande, termina, como muitos, desterritorializada na favela. A descendência escrava é "conservada" na vida complexa que possui, nas aspirações que se apagam pelo preconceito e segregamento. Contudo, a condição social e cultural permanece, desse modo, sendo conduzida pelo passado africano, e seu caminho da zona rural para a urbana reproduz sua condição diaspórica. O enredo se caracteriza um *Bildungs roman*, traduzido usualmente como "Romance de Formação", que apresenta a personagem principal da infância à maturidade, um *Bildungs Roman* feminino e negro, ao representar a procura quase intemporal de Ponciá, no intuito de readquirir e restabelecer sua memória, identidade e família.

À proporção que Ponciá se desenvolve, da adolescência à vida adulta, insere-se em um processo de negação de si. A partir daí, torna-se presente o desencanto, o fim da ilusão da garotinha, caracterizada pela solicitação da mãe, ao pai, que talhasse o milharal, a fim de que ela não observasse mais a mulher de branco, alta, "que chegava até o céu" (EVARISTO, 2003, p. 10). Doravante, a personagem entra uma situação de temor, de aflição, de introspecção, e finalmente de silêncio e de afastamento sobre os que a rodeiam. Na adolescência, perde o pai, e o que lhe resta é a mãe e o irmão. Nessa fase, a personagem decide sair do lugarejo, em busca de ter uma vida melhor na cidade grande.

Ao chegar à cidade, encontra dificuldades, mas consegue trabalho como empregada doméstica, apaixona-se, casa-se, perde 7 filhos, em virtude de abortos, cai no desânimo, que a conduz para uma perda de si mesma. Retorna ao lugarejo em que viveu durante a infância, não localiza sua mãe e irmão, regressa à cidade, entra em estado de mudez, torna-se alheia a tudo e só em seguida reencontra seus familiares e retorna a sua terra natal. Com o reencontro com os seus, a herança revigora, recupera suas memórias.

Conceição Evaristo reflete sobre aspectos que foram importantes e que marcaram suas lembranças: a vivência com os seus: a mãe, a tia, o tio, e os demais próximos, que contribuíram para essa história. No enredo, temos um monólogo da protagonista, que relembra toda a infância e traz toda uma história de escravidão dos antepassados. Em toda a história a protagonista lida com uma herança que vai receber, tal herança não é dinheiro, na verdade, é uma herança simbólica, é a ancestralidade dela que ela vai encontrar.

Sabe-se que ao se produzir um texto ficcional é presumível “inventar” personagens, espaços; contudo, o escritor, na maioria das vezes, retira sensivelmente do “espaço real” seus estímulos. Seguramente, não fará um retrato da realidade, porém, serão dados de seu convívio do dia a dia e de suas memórias que serão alinhavados, ao passo que sua narrativa prospera. Evaristo realiza suas narrações utilizando como apoio a memória, fazendo analogias com particularidades de sujeitos que conheceu, para caracterizar os perfis das personagens.

Nota-se um abeiramento com a realidade. Nessa perspectiva, Amora pontua que:

É a realidade que dá o conteúdo da obra literária. É da realidade que o artista recolhe, pela intuição, a matéria para sua obra. Por isso os estetas e os críticos modernos dizem que a obra literária (ou toda obra de arte) é uma suprarrealidade ou uma imagem da realidade (AMORA, 1973, p. 43).

Através da personagem principal se inicia uma discussão sobre a loucura. Evaristo foi bastante generosa ao tratar essa questão, no sentido humano de não rotular a loucura como simplesmente a suspensão da normatividade, mas uma crítica a um certo sistema comportamental que nos afeta e nos coloca o desafio de sermos normais e que nos é extremamente real.

É importante associar a temática da loucura com a realidade da autora. Iná, filha de Evaristo, sofre de transtorno mental, tem 34 anos de idade, e uma idade cronológica de 14 a 15 anos. Segundo a autora, ao frequentar com Iná o terreiro de candomblé, é dada toda deferência



à filha, pois Iná tem uma relação com determinado Orixá<sup>3</sup>, pela própria “não normalidade” dela. Estabelecendo paralelo, pode-se pensar que há uma relação entre a biografia de Evaristo com a obra Ponciá. E, ainda, podemos pensar o seguinte: enquanto determinadas culturas só se satisfazem se elas descobrirem a raiz do segredo, dos traumas; já em outras culturas, há uma predisposição para lidar com o mistério, para lidar com o encantamento, e Ponciá tem essa predisposição, desde menina Ponciá enxerga a pessoa vazia que se tornou, toda a trajetória da personagem indica a capacidade da mesma de lidar com o mistério, que para muitos representa a loucura.

Discutindo o uso da realidade como parâmetro, Candido esclarece que:

É paradoxalmente esta intensa aparência de realidade que revela a intenção ficcional ou mimética. Graças ao vigor dos detalhes, à “veracidade” de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à casualidade dos eventos etc., tende a construir-se a verossimilhança do mundo imaginário (CANDIDO, 2007, p. 21).

Percebe-se, desse modo, que os detalhes fornecidos pelo autor imitam a realidade, na medida do possível. Minúcias, às vezes de menor valor, são ressaltadas para maior efetividade, avaliando mais verossimilhança ao texto. Quanto mais episódios e elementos habituais, mais análoga à realidade do texto.

A autora colabora para uma discussão mais arejada de humanidade, e que não coloque a loucura em uma camisa de força que, às vezes, é a opção que se dá à loucura. Uma das preocupações dos escritores negros é a criação de textos que rompam com determinados estereótipos, através da ficção. Conceição desconstrói determinados julgamentos, estereótipos; e a literatura em si, já faz isso muito bem, pois mexe com a emoção das pessoas, e na narrativa em estudo, encontramos uma loucura relativizada, o próprio conceito de loucura pode ser questionado, pois em determinadas culturas, o sentido varia.

Em uma trajetória de vai e vem narrativo que perdura até o término do romance, o leitor colhe fragmentos da vida da protagonista para compreender o seu eu incompleto. Com um enredo não linear, construído com flash de lembranças, intervenções de personagens, interpostas nos capítulos pesados e breves.

A obrigação do nome Vicêncio, nome alheio à história de sua família, já que o avô era escravo da família Vicêncio, causava-lhe angústia. As relações às quais Ponciá pertencia,

---

<sup>3</sup> Os orixás representam figurações mitológicas, existentes no conjunto religioso afro-brasileiro.

constituem-se de maneira distinta; ela era, às vezes, distante da mãe, obediente ao pai; fraterna com o irmão, Luandi, e conflituosa com o esposo.

Da menina maravilhada e temerosa com o arco-íris, cobra, angorá; à mulher retirada de seu espaço, o enredo se desenvolve repleto de passagens líricas e amargas, leves e fortes, de acordo com apresentação do perfil da personagem.

Encontramos imagens que se estabelecem repetidas vezes nas recordações da protagonista, exibindo simbolicamente a rasura do eu. A exemplo, temos a figura do arco-íris. Na infância tinha medo do arco-íris, negava-se a passar por baixo dele, achava que ao passar poderia virar homem, isso, segundo o pensamento idealizado pelo imaginário popular. Já na fase da adolescência, ao passar por baixo do arco-íris, tem o seu primeiro, e conforme o enredo, único momento de prazer sexual. Logo “mulher feita” (EVARISTO, 2003, p. 10), ao relembrar a presença do arco-íris, tudo se dissipa, a fruição é só recordação, absorto ao que a personagem vivencia: uma relação violenta e de ausência de comunicação com o esposo.

Ao chegar à cidade, Ponciá, sentindo frio e dormindo entre mendigos, escuta o sino da igreja, que a faz se lembrar da infância, “lembrou-se da mulher alta, transparente e vazia que tinha sorrido para ela, um dia, no meio do milharal” (EVARISTO, 2003, p. 40). A personagem não sorria mais, estava oca, como vazia começara a viver na cidade, passando por problemas, necessidades materiais.

A imagem do avô feita do barro que Ponciá molda, evidencia a semelhança que há entre ambos. Apenas física, a princípio. Prontamente, o narrador nos chama atenção a respeito da herança que o avô havia deixado a Ponciá. O avô escravo, em desespero com os trabalhos no engenho, que “enriqueciam e fortaleciam o senhor”, assassina a mulher e decepa o próprio braço, deixa a herança do sofrimento escravo para o filho, isto é, o pai de Ponciá, e, conseqüentemente, a própria Ponciá, a neta.

A ferida da escravidão reflete de duas formas na narrativa: na cena em que o pai de Ponciá, ainda criança, pajem do sinhô-moço, é forçado a engolir a urina do sinhô-moço, e quando a protagonista chega à cidade grande e começa a viver em um barraco da favela, necessitada de tudo.

Ponciá busca sua identidade perdida ou negada. Através de deslocamentos durante a história, “perder-se” para se reencontrar, os que não fazem isso, como Bilisa, prostituta, mantêm o sonho de dias melhores, mesmo que na maioria das situações, a saída seja a morte. Luandi

renuncia à vida de soldado. Por que querer ser soldado, “ter voz de mando, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia” (EVARISTO, p. 96). Luandi, irmão de Ponciá, torna-se soldado, contudo, ao se compreender “fora do lugar,” nega-o e reflete:

Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e melhor maneira de ser, tinha agora feito uma nova descoberta. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (EVARISTO, p. 131).

A vida de Luandi é bem parecida com a do soldado Nestor e do negro Climério. São sujeitos deprimidos, míseros, vítimas do preconceito. De tal modo, Conceição Evaristo tende a modificar, em indivíduos enunciadore, colocando em segundo plano aqueles que, de maneira especial, surgem nas histórias canônicas sempre no segundo plano.

No enredo, nota-se que Luandi, irmão de Ponciá, acreditava que ela fosse herdeira e representante da história da amargura de seu povo, dona de tal legado e representação, Ponciá proporcionaria a esperança e poderia proporcionar aos de seu grupo social a esperança e uma trajetória para o seu povo:

Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino (EVARISTO, 2003, p. 126).

As memórias apresentadas no enredo são reconhecidas e restauradas no presente, pois ainda influenciam a vida atual do povo. De tal modo, a história relembada de forma individual: “Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela, que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos [...]” (EVARISTO, 2003, p. 55).

Tomar para si a memória de uma comunidade negra é se admitir como negro e, dessa forma, apresentar-se capaz de encarar a ação discriminatória; é dividir memórias com os próximos, sobre os que não viveram consigo em uma época, porém, continuam ligados por uma memória comum. O anseio em conhecer sua origem e história, apesar de serem lembranças

infelizes, contribui para que reconhecamos a assunção do povo negro e, até mesmo, os que são considerados familiares, próximos:

Restava-lhe, porém, os outros membros da família por todo o povoado. Todos eram parentes por ali. Desde que os negros haviam ganho aquelas terras, ninguém tinha chegado e eles se casavam entre si. Eram parentes, talvez, desde sempre, desde lá de onde tinham saído. Ela decidiu, então, que iria ver os outros, aqueles que também eram os seus (EVARISTO, 2003, p. 58).

É evidente, no transcorrer do enredo, o surgimento de histórias dolorosas, a exemplo, o pai que, quando criança, no período póstumo à Lei Áurea, era obrigado a ser o pajem do filho do senhor das terras. “Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro” (EVARISTO, 2003, p. 5).

Vô Vicêncio, um suicida fracassado, amputara parte do braço e assassinara a mulher, após saber que quatro filhos seus haviam sido vendidos, mesmo estando em vigor a Lei do Ventre Livre.

Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar, decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer (EVARISTO, 2003, p. 50).

Visivelmente, tais histórias brotam soltas e em fragmentos na narrativa, e são chamadas em meio a lacunas de motivos da personagem. Constituem, contudo, um tecido discursivo em que se readquire a memória de uma amargura moral e física, coletiva e individual.

Ponciá se constrói através da arte com a cerâmica, renovando no barro a linha da existência. Já a terra, anteriormente atenuante da fome da personagem quando menina, transforma-se em matéria-prima para a contribuição na formação de uma mulher.

A solidão, o vazio na cidade diminui, no encontro com a mãe e o irmão, no final na história, colocando fim ao fado entre lugares de Ponciá Vicêncio. Protetora da memória de sua família, a personagem acompanha os passos de Evaristo, também mantenedora de intensa ascendência memorialística presente na literatura negra.

Ponciá, ao regressar para seu lar de origem e não reencontrar a mãe e Luandi, seu irmão, busca nas pessoas do povoado o sentimento fraterno habitualmente compartilhado entre seu povo. Ao longo do enredo, Ponciá se perde de si mesma, dos entes queridos. Ao reencontrar a mãe e Luandi, volta a si. Nesse ínterim, Ponciá chama seu nome, na intenção de se reencontrar por meio das memórias, lembranças, fantasias, utopias; ela se constitui enquanto pessoa, mulher, com um olhar sem direção, perdido no tempo, procura intensamente, no passado e no presente, sua identidade.

À beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Molenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos (EVARISTO, 2003, p. 1).

A personagem de Conceição Evaristo trabalha com a memória, como evasão da realidade, na tentativa de se entender, de se completar: “Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento” (EVARISTO, 2003, p. 19).

Em Ponciá Vicêncio, através da recordação de Nêngua Kainda, que era uma mulher “muito velha como o tempo, parecia uma miragem” (EVARISTO, 2003, p. 95), deparamo-nos com o processo de produção da memória individual, elaborado por meio das lembranças de acontecimentos vividos por outrem, e mesmo pela imersão de recordações do outro: “Nêngua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança que o Vô Vicêncio tinha deixado para ela seria recebida. Ponciá ouvia essa conversa desde pequena. Que legado do avô seria pertença dela?” (EVARISTO, 2003, p. 61).

Há um consenso a respeito da importância da memória para a formação identitária pessoal e coletiva. Segundo Cartroga, “a memória é uma re-presentificação feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo” (CATROGA, 2001, p. 46). Perceptível é a ligação, fusão a memória promove entre a história e a ficção, uma mescla de casos vividos por outros criados de forma inconsciente. A correlação entre o passado e o presente quase extingue o afastamento entre objeto e sujeito, e fazendo o sujeito recordar. O fragmento abaixo realiza uma alusão sobre esse processo:

Com o coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. Continuou procurando e remexendo nos objetos tão conhecidos. Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu, então, lá no fundo, o homem-barro. Vô Vicêncio olhava para ela como se estivesse perguntando tudo (EVARISTO, 2003, p. 49-50).

Para Candau (2008), a identidade é uma construção social, sempre em devir, no grupo de uma relação dialógica entre o outro e o eu. Assim, sensações, memórias familiares corriqueiras, retratos e impressões, e sua transmissão, são premissas precisas para a formação de uma identidade. Ao final do romance, a arte de lidar com o barro, transmitida pela mãe, consente que a protagonista reproduza seu avô e lhe restabelece ao colo familiar, instituindo-o como um item criador de sua identidade.

A loucura que possivelmente conserva a personagem viva, também se caracteriza como ponto de ligação entre o que Ponciá busca. A personagem precisou aprender a conviver com carências, ausências; destarte, a loucura na personagem é traçada pelos hiatos contínuos, pelo olhar perdido no além, e pela busca infundável de sua identidade.

### **Considerações finais**

Como vimos, a narrativa imortaliza a personagem, as amarguras e as alegrias. Conceição Evaristo escreve, ficcionaliza, recorda, depõe, inventa e recria, usando como apoio sua vivência. Envolvem-se e se confundem, em sua escrita, memória, ficção e realidade. É evidenciado, de modo particular, a prática de reconhecer o passado, a memória individual e coletiva.

A escrita de *Escrevivência* produzida por Evaristo, tendo como base a memória, resignifica a posição dos negros na sociedade brasileira, através da revisitação a um passado que permanece vivo e presente por meio da oralidade. A narrativa de Evaristo reinscreve novas acepções a respeito da vivência do negro. Tentando desconstruir pensamentos estereotipados, e reescreve uma história que se compõe na heterogeneidade e diversidade. Evaristo escreve usando como base sua infância, experiências de vida, seu passado em uma favela que já não existe mais.

No desfecho da história, quando a personagem encontra sua ancestralidade, é quando a herança ancestral se concretiza e se realiza, Ponciá Vicêncio atinge sua plenitude, adentra-se no mistério, sem descobrir o mistério, sem explicar o mistério, as culturas tradicionais africanas

têm essa capacidade de lidar com o mistério, capacidade essa que não possuímos, pois queremos descobrir a raiz e a explicação de tudo.

As lembranças, em Ponciá Vicêncio, constroem-se pelas imagens e espaços. Sejam engendradas da figura amoldada em barro de Vô Vicêncio, sejam do regresso a locais de feição afetiva para Ponciá. “Desde pequena trabalhava tão bem o barro, tinha as artes de modelar a terra bruta nas mãos” (EVARISTO, 2003, p. 131).

Enfim, a narrativa é constituída por elemento interligado pelas memórias da protagonista, Ponciá, que do início ao fim, desordenam-se e ordenam a narrativa. A história é uma colcha de retalhos, em que estão penetradas as lembranças das personagens que habitam na memória da autora, carregada de esperança. A linguagem poética permeia toda a narrativa, por meio de ocorrências do dia a dia, e o enredo esboça as peregrinações, as marcas, as fantasias e as desilusões de Ponciá.

### **Referências Bibliográficas**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CATROGA, F. Memória e história. In: PESAVENTO, S. J. (org.) **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre-RS: Editora da UFRGS, 2001.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CASTRO, V. V. Dan. A serpente arco-íris. In: **Diversidade Religiosa**. João Pessoa. v. 1, n. 2, 2012.

CATROGA, Fernando. **Memória e história**. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRS, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan./abr. 2006. [online]. Acesso em: 21 fev. 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

\_\_\_\_\_. **Conceição por Conceição Evaristo**. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG, cópia retirada do site: LITERAFRO. Disponível em: [www.lettras.ufmg.br/leterafo](http://www.lettras.ufmg.br/leterafo). Acesso em: 11 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Entrevista**: Mês da Consciência Negra - Imagem da Palavra - Parte 1 [2012]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=pwQ4Bxc87PE&noredirect=1](https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=pwQ4Bxc87PE&noredirect=1). Acesso em: 03 jan. 2016. Transcrito por Elen Karla Sousa da Silva.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira; Bernardo Leitão e Suzana F. Borges. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.